

Uma saída possível para o jornalismo contemporâneo a partir dos Estudos Culturais e a História Cultural¹

Bruna ALECRIM²
Rosana Maria Ribeiro BORGES³
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O presente artigo visa contribuir com os estudos em História Cultural e jornalismo, usando como base os Estudos Culturais ingleses. Para isso, é feita uma revisão bibliográfica sobre a História como campo geral de pesquisa, da Escola Britânica dos Estudos Culturais e da História Cultural, atrelando-a aos Estudos Culturais e, por fim, à Comunicação. Para estabelecer conexões entre tais campos, utiliza autores como Roger Chartier (1990), Robert Darnton (1990), Ana Carolina Escosteguy (2001), Marialva Barbosa (2010), Rosana Borges e Márcia Motta (2020). As considerações apontam para o Jornalismo Humanizado como uma possibilidade ao fazer jornalístico contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVES: Estudos Culturais, História, História Cultural, Comunicação.

INTRODUÇÃO

O presente estudo fará uma breve análise sobre o campo da História, de forma geral, e da História Cultural, relacionando-a com os Estudos Culturais britânicos, seus pensadores e ideias. Por definição, ambos os estudos, a História Cultural e os Estudos Culturais, possuem similaridades, sendo, portanto, um “casamento” ideal. A relação entre história e comunicação, abordada na parte final, é inevitável, uma vez que os processos dos dois campos se misturam, tornando-se indissociáveis.

Não faz parte do objetivo desse estudo o aprofundamento na História do Jornalismo, apesar dessa vertente da História Cultural se encaixar nesse contexto. O enfoque se deu no jornalismo enquanto prática profissional, na busca por uma alternativa

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação e Cultura do PPGCOM-UFG e Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: brunaalecrimj@gmail.com. APOIO: FAPEG.

³ Pós-Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; Doutora em Geografia, Mestre em Educação Brasileira e Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Goiás. Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FIC/UFG. E-mail: rosana_borges@ufg.

ao jornalismo contemporâneo. O Jornalismo Humanizado surge como possibilidade, que associa os métodos de investigação da história cultural e dos estudos culturais nas suas próprias investigações e narrativas.

Para que haja compreensão das ideias apresentadas, o artigo está estruturado em quatro partes, nomeadas: O que é a História?; Os Estudos Culturais; A História Cultural; e A História Cultural e o Jornalismo Contemporâneo. A pesquisa possui caráter bibliográfico, analisando diferentes autores que trouxeram contribuições para os campos trabalhados para chegar em sua conclusão. Foi realizada como o trabalho final da disciplina de Teorias da Comunicação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM – UFG).

O QUE É A HISTÓRIA?

A primeira lembrança de estudo da história é, normalmente, no período escolar, quando se aprende sobre os grandes feitos, as grandes guerras, os grandes heróis de cada nação. Segundo Le Goff (1990, p.17), a palavra “história” significa “procura” e se origina do grego antigo *historie*. Diferente do senso comum, a história não é a procura pela verdade do que ocorreu no passado, mas sim a procura pelas versões, pelos contextos, o “passado é uma construção e uma reinterpretação constante” (LE GOFF, 1990, p.24).

A história recolhe sistematicamente, classificando e agrupando os fatos passados, em função das suas necessidades atuais. É em função da vida que ela interroga a morte. Organizar o passado em função do presente: assim se poderia definir a função social da história. (FEBVRE, 1949, p.438, apud LE GOFF, 1990, p.26)

Segundo Barbosa (2004), a História é a união de três fatores: o tempo, o espaço e os grupos sociais. É um processo complexo, uma vez que, como já dito, é constantemente alterado. Novas interpretações, documentos, personagens, memórias e contextos vem à luz, recriando assim o passado que se tem conhecimento. A História está em uma eterna busca por contradizer-se, já que é a partir dessas novas interpretações que ela se constrói. Para isso, é indispensável o embate de memórias e interpretações. As fontes devem ser questionadas com “velhas e novas perguntas, num incessante processo de escape de uma resposta previamente definida e dada como certa” (MOTTA, 2003, p.193).

A História é um trabalho intelectual que “ao criticar as fontes e reconstruí-las à luz de uma teoria, realiza uma interpretação do passado, na qual não só a noção de um

consenso é importante, mas também a noção do conflito o é.” (MOTTA, 2003, p.183). Ideia defendida também por Barbosa (2004), ao dizer que “não há possibilidade de recuperação do passado tal como ele se deu: o passado é inteligível nas fimbrias das narrativas que ele mesmo compôs” (BARBOSA, 2004, p.3) e por Le Goff (1990), que afirma que o que se sabe hoje sobre o passado não é o que de fato existiu em sua totalidade, mas “uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores.” (LE GOFF, 1990, p.535).

O estudo da História nos permite conhecer o passado, saber como os homens, em culturas diferentes, portanto com outros meios, lutaram por seus valores. Permite-nos, também, avaliar, interpretar como ocorreram as transformações do homem no seu relacionamento com o mundo, no processo de construção das sociedades. (BACCEGA, 1997, p.9)

Os objetos de estudo e metodologias são diversos e portanto não é possível unificar os estudos em História. Baccega (1997) coloca a ação humana como objeto da História. Este ponto de vista, entretanto, pode ser considerado muito abrangente. Darton (1990) afirma que é possível separar o campo em quatro grandes categorias principais, para melhor entendê-la: a História das Ideias, a História Intelectual, a História Social das Ideias e a História Cultural. É nesta última grande categoria, a História Cultural, que o presente estudo se aprofundará de maneira breve nas próximas páginas. Buscando compreender melhor o campo dos estudos da História Cultural, é necessário que se compreenda suas bases, ou seja, os Estudos Culturais.

OS ESTUDOS CULTURAIS

Não faz parte dos objetivos do presente artigo – e nem seria possível em tão pouco espaço – tratar de forma profunda os Estudos Culturais. Faz-se necessário, porém, que estes estudos sejam abordados, trazendo algumas temáticas que serão exploradas ao longo das próximas páginas, para que se compreendam contextos, abordagens e metodologias.

Os Estudos Culturais surgiram em 1964, na Universidade de Birmingham na Inglaterra, com a criação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS). Tinham como objetivo “estudar a relação entre a sociedade e as mudanças sociais, observando formas, atividades práticas, instituições culturais e suas relações com a sociedade e transformações culturais” (TEMER; NERY, 2009, p.105) e têm como ‘pais fundadores’

três estudiosos: Richard Hoggart, Edward Palmer Thompson e Raymond Williams. Como bem colocado por Escosteguy (2001), o sociólogo Stuart Hall, apesar de não ser considerado fundador, foi um dos principais nomes dessa escola, tendo feito grandes contribuições.

O CCCS se inicia no contexto do pós-guerra europeu, impulsionado pelas mudanças dos valores na classe operária no país (ESCOSTEGUY, 2000, p.4). Desde sua origem possui forte influência do neomarxismo e trabalha com os pensamentos de Mikhail Bakhtin, Jean Paul Sartre, Lucien Goldman e Antonio Gramsci, como afirmam Temer e Nery (2009). Souza e Borges (2020, p.80) afirmam que estes estudos “não apresentam uma posição teórica unificada, mas um conjunto de abordagens sobre a cultura e as significações presentes na vida cotidiana” (SOUZA; BORGES, 2020, p.80).

Os Estudos Culturais devem ser vistos tanto sob ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto sob ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos. Sob o ponto de vista político, os Estudos Culturais podem ser vistos como sinônimo de “correção política”, podendo ser identificados como a política cultural dos vários movimentos sociais da época de seu surgimento. Sob a perspectiva teórica, refletem a insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a interdisciplinaridade. (ESCOSTEGUY, 2000, p.3)

A principal ideia defendida por esses autores é a de um novo conceito de cultura. Eles se posicionam de forma “contrária à concepção do indivíduo como estando totalmente à mercê dos caprichos econômicos” (DALMONTE, 2002, p.76), sendo assim, se diferenciavam do que afirmava a teoria marxista clássica, pois para eles as relações econômicas não são definidoras da cultura, apenas um dos fatores que a influenciam. “Para ambos, Williams e Thompson, a cultura era uma rede de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano” (ESCOSTEGUY, 2000, p.5).

Essa escola entende que não existe uma cultura unificada, mas que culturas diferentes coexistem, dentro de seus contextos sociais, políticos e econômicos particulares, em determinado lugar e período específicos. Para esses pensadores, a cultura não é feita apenas por aqueles pertencentes às camadas mais altas da sociedade, mas todos os componentes da sociedade são geradores de cultura (DALMONTE, 2002, p.69). Há, portanto, uma descentralização da cultura. A partir dessas ideias, a cultura passou a ser

vista como instrumento de poder, portanto “um espaço de luta pela hegemonia e a luta política nada mais é do que a luta por uma nova cultura” (TEMER; NERY, 2009, p.106).

Ao contrário de entender a cultura de massa como uma estrutura cuja dinâmica interna leva à reprodução, os Estudos Culturais privilegiam as atitudes individuais, os papéis adotados pelo sujeito, entendendo que as estruturas sociais exteriores influenciam na escolha e compreensão dos conteúdos e, portanto, são elementos essenciais para a sua compreensão. (TEMER; NERY, 2009, p. 107)

Souza e Borges (2020) apontam a cultura como elemento indispensável de dominação “pela qual o consumo e os seus usos em contextos de interesses e definições políticas são cada vez mais evidentes” (SOUZA; BORGES, 2020, p.95), ideia com a qual Chartier (1990) corrobora ao afirmar que as “lutas de representações tem tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1990, p.17). Assim, esses estudos levam em consideração os meios de comunicação de massa, dando atenção principalmente à audiência. Do ponto de vista dos Estudos Culturais, o receptor não era passivo quanto à mensagem emitida. “O indivíduo pode ser iletrado, mas serve-se de um saber prático, capacitando-o a uma leitura crítica” (DALMONTE, 2002, p.79).

Assim, os Estudos Culturais partem da análise sobre “como os sujeitos empíricos negociavam os sentidos ideológicos das mensagens e resistiam aos seus apelos” (GOMES, 2007: 196), entendendo os meios como elementos ativos da estrutura social, e buscando compreender o papel dos produtos culturais industrializados na construção da identidade, além de serem os meios de comunicação de massa elementos ativos da estrutura social, que só podem ser interpretados por meio de estudos sobre seus efeitos no público. (TEMER; TONDATO, 2014, p. 153)

Dessa forma, o sujeito não consome por alienação, mas buscando melhorar sua vida de alguma forma. A comunicação de massa é, portanto, um espaço de negociação entre emissor e receptor. Essa ideia é trabalhada inicialmente por Hall (2003), quando propõe três posições hipotéticas assumidas pelo receptor quanto à interpretação das mensagens: a dominante, a negociada e a de oposição. Sendo que a primeira ocorre quando a mensagem é decodificada pelo receptor seguindo as referências com as quais foi construída; a segunda quando o receptor negocia, adapta suas referências particulares

com as de construção da mensagem; e, por fim, a terceira posição acontece quando o receptor é capaz de “entender perfeitamente tanto a inflexão conotativa quanto a literal conferida a um discurso, mas, ao mesmo tempo, decodificar a mensagem de uma maneira globalmente contrária” (HALL, 2003, p.402), ou seja, usando suas referências particulares.

Outro ponto importante da referida Escola que deve ser destacado aqui é seu enfoque em pesquisas com grupos historicamente negligenciados na sociedade, o que Temer e Nery (2009) chamam de “afastamento do enfoque nos grandes sujeitos” (TEMER; NERY, 2009, p.109). Esses estudos “apresentam uma heterogeneidade de objetos de investigação, tais como as pesquisas relacionadas à gênero, raça, etnia, culturas populares, sexualidades, identidades sociais e aos próprios meios e veículos comunicacionais e jornalísticos” (SOUZA; BORGES, 2020, p. 80).

Escosteguy (2001) faz duas observações interessantes a respeito dos estudos culturais: surgem na “tensão entre demandas teóricas e políticas”, são descentrados geograficamente e teoricamente múltiplos (ESCOSTEGUY, 2001, p.6). Foram – e a ainda são – adotados pelas mais diversas áreas do conhecimento. Souza e Borges (2020) destacam a importância desses estudos ao afirmarem que foram os primeiros a se preocuparem “com os produtos da cultura popular, do *mass media* e de como isso expressa os rumos da cultura contemporânea” (SOUZA; BORGES, 2020, p.94).

A HISTÓRIA CULTURAL

Compreendidas as bases dos Estudos Culturais, faz-se necessário retornar ao conceito da História cultural. Voltando às ideias de Darton (1990), o autor pontua a História Cultural como aquela que estuda a cultura aliada à Antropologia, “incluindo concepções de mundo e *mentalités* coletivas” (DARTON, 1990, p.187). O pesquisador avalia essa união dos campos de forma positiva, pois os estudos são complementares no objetivo que lhes interessa, ou seja, a cultura e sua interpretação. “Além disso, a antropologia oferece ao historiador algo que o estudo da *mentalité* não conseguiu apresentar: uma concepção coerente da cultura” (DARTON, 1990, p. 194).

Na prática, segundo Burke (2005), o estudo da História Cultural existe há mais de 200 anos, mas que sofreu grandes alterações de perspectivas no final do anos XX, quando os estudos em cultura florescem na Escola de Birmingham. De acordo com Chartier

(1990) a História Cultural “tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.16), ou seja, ela busca diferentes interpretações e contextos das realidades sociais. “Pensar o contexto é, portanto, colocar em evidência os movimentos do tempo que podem ser observados no processo histórico” (BARBOSA; RÊGO, 2017, p.13).

Os antropólogos ofereciam um modelo alternativo, a ampliação do estudo de caso onde havia espaço para a cultura, para a liberdade em relação ao determinismo social e econômico, e para os indivíduos, rostos na multidão. O microscópio era uma alternativa atraente para o telescópio, permitindo que as experiências concretas, individuais ou locais, reingressassem na história. (BURKE, 2005, p.23)

Os Estudos Culturais e os Estudos da História Cultural se aproximam em vários aspectos, o primeiro, bastante óbvio, é que ambos têm suas bases na cultura. Um segundo ponto de aproximação entre eles está no fato de que os dois enxergam as classes oprimidas como criadoras de cultura, memória e história. Os Estudos Culturais se afastam dos grandes sujeitos, enquanto a História Cultural não busca uma história oficial, os grandes acontecimentos, os heróis nacionais, a história política, mas a “história reprimida”, expressão usada por Darton (1990). Segundo Barbosa (2004), a História é a mudança como parte de um processo que vai além dos grandes nomes, é composta principalmente pelos anônimos e os particularismos. “Essa história triunfalista passava por cima das realizações e contribuições de muitas outras culturas” (BURKE, 2005, p.23).

Contudo, a tensionalidade do campo cultural induz a uma resistência latente dos vencidos que muitas vezes introduzem de forma velada e calada, através de práticas e manifestações, vestígios de um presente do passado de seus próprios povos, que terminam sendo apropriados ou simplesmente assimilados pelos vencedores. (BARBOSA; RÊGO, 2017, p.2)

Um terceiro ponto de conexão entre os estudos é que a História Cultural também trabalha com a ideia de descentralização da cultura (e do fazer histórico). Dessa maneira, as diferentes culturas que coexistem em cada contexto social, político e econômico, são aqui exploradas. Assim, a História “não nos serve para glorificarmos o passado. O que ela realiza é, na maioria das vezes a deslegitimação de um passado construído pela memória” (MOTTA, 2003, p.183), sendo que “aprender a fazer história significa,

também, aprender a cruzar fontes, produzir embates entre elas, conflitos de interpretações sobre uma evidência” (MOTTA, 2003, p.193).

A HISTÓRIA CULTURAL E O JORNALISMO CONTEMPORÂNEO

Partindo do pressuposto de que a História é necessariamente dependente da Comunicação, uma vez que os vestígios investigados pela história são atos comunicacionais dos agentes do passado, é fácil compreender o motivo da associação dos referidos estudos. “É a partir de restos e vestígios, que chegam do passado ao presente, que podemos recontar as histórias que envolvem prioritariamente as ações comunicacionais do passado” (BARBOSA, 2010, p.22). Para Barbosa (2010), tanto a História como a Comunicação “dizem respeito às relações humanas, seja nas sociedades presentes seja passadas” (BARBOSA, 2010, p.13).

Bacega (1997) entende a História como parte do processo comunicacional e é indispensável para a formação crítica do indivíduo. Barbosa (2004) usa a ideia de Darton (1990) de entender a História da Comunicação Impressa como a própria História Cultural – ou parte dela. Isso porque, “a comunicação, quando compreendida enquanto um processo de produção social de sentidos, está intimamente relacionada à cultura” (BORGES; BARBOSA, 2020, p.175). Segundo Temer e Tondato (2014), esses fenômenos são “indissociáveis e complexos, a cultura é vista como um sistema de comunicação, enquanto a comunicação é um processo no qual aquela encontra terreno para seu desenvolvimento” (TEMER; TONDATO, 2014, p.154).

A imprensa, nas suas palavras, se transformava, assim, em fonte privilegiada para construir a própria história do país. Ou seja, deveria não apenas informar e orientar, mas possibilitar o conhecimento de uma multiplicidade de tempos: o presente no qual o jornalista se movia; o passado (já que ao ser instrumento de cultura privilegiava em suas artimanhas narrativas o passado memorial do país), acionando a memória histórica; e, sobretudo, o futuro, pois o jornalista construía narrativas na perspectiva de ser tornarem fontes históricas. Algo a ser novamente acionado para revelar dados, fatos, informações e aspectos de um mundo que permaneceria vivo graças à força documental do jornal. (BARBOSA, 2012, p.463)

Outro ponto importante e determinante é que a comunicação, especificamente o jornalismo, faz parte do processo de construção da História, uma vez que fornece documentos, realidades, contextos sociais, políticos e econômicos dentro de um

determinado período de um determinado lugar. Também acusa ausências, uma vez que necessariamente exclui determinados fatos, grupos e lutas sociais de suas páginas. O jornalismo é feito a partir do relato, ou seja, da memória subjetiva do sujeito (a fonte) que viveu determinado momento e que o relata ao jornalista, e “as memórias são fontes históricas, pois elas nos ajudam a saber o que tem sido lembrado, recordado por um ou vários grupos sociais” (MOTTA, 2003, p.183).

Assim, no que diz respeito à veiculação de acontecimentos pela mídia, é preciso compreender que na construção da notícia apenas uma realidade é considerada, “selecionar um fato significa omitir ou esquecer outros aspectos envolvidos no acontecimento, além de atribuir-lhe um valor” (ALVES; SEBRIAN, 2008, p.3). Dessa forma, todas as outras realidades, contextos, culturas, ficaram à sombra do conhecimento geral. Barbosa (2004) afirma que “falar em história da imprensa, é, portanto, se reportar ao que se produziu, de que forma se produziu, ao como se produziu, para quem se produziu e que consequências trouxe essa informação para a sociedade” (BARBOSA, 2004, p.2).

É perceber a história como um processo complexo, no qual estão engendradas relações sociais, culturais, falas e não ditos, silêncios que dizem mais do que qualquer forma de expressão, e que na maioria das vezes não foram deixados para o futuro. Compete ao historiador perguntar pelos silêncios, identificar no que não foi dito uma razão de natureza muitas vezes política. (BARBOSA, 2004, p.2)

O jornalismo atual, produzido pela grande mídia, é um jornalismo considerado, por alguns, preguiçoso e tendencioso. As fontes oficiais e oficiosas são dominantes e as conexões entre os fatos são desprezadas, “desprezando as múltiplas conexões com os outros fatos e, portanto, a contextualização necessária para a compreensão das ações que originaram a matéria e também da sociedade” (ALVES; SEBRIAN, 2008, p.8). É preciso destacar, entretanto, que segundo R. Willians, um dos teóricos fundadores dos estudos culturais, “não existe uma leitura neutra ou inocente da cultura” (ARAÚJO SÁ, 2011, p.43). Levando em conta que, como discutido anteriormente, comunicação e cultura estão intrinsecamente ligadas, o jornalismo “preguiçoso” é uma escolha editorial, ao contrário do Jornalismo Humanizado que:

[...] produz narrativas em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na

consciência do ser jornalista. No trabalho de apuração, busca versões verdadeiras e não, necessariamente, produz a verdade, pois o repórter não se relaciona com um objeto, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência. Na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas. (IJUIM, 2012, p.133)

O Jornalismo Humanizado surge como uma crítica direta ao jornalismo atual. Buscando ir além do que indicam os manuais de comunicação, essa vertente jornalística se aproxima das ideias apresentadas pelos Estudos Culturais e pela História Cultural, uma vez que dá enfoque à cultura, busca compreender os contextos e, principalmente, procura escutar aqueles que não tem espaço na mídia: as fontes anônimas. Essas fontes são aquelas que não possuem interesse direto ou conhecimento técnico/científico a respeito do fato investigado, mas viveram ou vivem na prática a realidade investigada. São o povo.

Assim, o fazer jornalístico supõe a busca da essência das ações humanas contidas nos fenômenos sociais. O jornalismo humanizado, portanto, não se propõe apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrui dos recursos da literatura, que valoriza personagens. Mais que isso, busca a essência das ações humanas – é um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado. (ALVES;SEBRIAN, 2008, p.2)

Esse jornalismo busca trazer à luz as diferentes realidades de um mesmo lugar, mostrando os diferentes contextos, memórias e culturas que coexistem de forma tão próxima – mas tão distantes, ao mesmo tempo. "Para que esse objetivo seja alcançado, é preciso ter “ouvidos para ouvir” e “olhos para ver” a História dos vencidos, dos silenciados pela força. Essa é a História que a História oficial não contempla” (BACCEGA, 1995, p.66, apud BACCEGA, 1997, p.9). Ele busca decentralizar a notícia.

E, se querem entender o que um acontecimento realmente significou, nada impede que tirem partido dos mesmos elementos que podem distorcer um texto enquanto reportagem (...) não para descobrir todos os quens, quês, ondes e quandos de um acontecimento, mas para ver o que o acontecimento significou para as pessoas que dele participaram. (DARTON, 1990, p.294)

Ao investigar uma realidade, não faz apenas as já conhecidas perguntas que constituem o lide (O quê, Quem, Quando, Como, Onde e Por quê), acrescentam a elas a “Em que contexto?” (ALVES; SEBRIAN, 2008, p.8). Sendo assim, esse jornalismo busca “humanizar as técnicas profissionais em prol da vitalidade do cotidiano, uma vez que a gramática jornalística atual não dá conta das demandas coletivas” (ALVES; SEBRIAN, 2008, p.7).

CONCLUSÃO

Os Estudos Culturais abriram novas possibilidades para a pesquisa científica, questionando conceitos fundamentais para as ciências sociais e, conseqüentemente, para a história e comunicação. O novo conceito de cultura e, portanto, nova visão de mundo, aliados aos métodos de pesquisa históricos foram enriquecedores para a pesquisa jornalística.

O Jornalismo é um modo de ler e de representar a vida. Daquilo que cerca o homem no seu cotidiano, contando as vivências dos indivíduos (SOUSA, 2008). Ajuda os sujeitos a interpretar a realidade em que vivem. Atualmente, faz isso assumindo uma postura informativa, noticiosa. “A produção jornalística resulta, então, de um processo de construção em que estão em jogo fatores de natureza pessoal, social, ideológica, cultural, histórica e tecnológica que são difundidos pelos meios noticiosos” (MONTIPÓ, 2014, p.3).

Hoje, o mundo é marcado pela rapidez e imediatismo, fato que afeta também o psicológico dos sujeitos sociais e a mídia, que funciona como um reflexo da sociedade, acompanha esse movimento. No que diz respeito ao fazer jornalístico, essa realidade gera uma produção acelerada, de baixa qualidade e com pouca checagem. Aliado a isso, existe ainda a manipulação da realidade, a partir de escolhas ideológicas dos jornalistas, editores, donos de jornais e anunciantes.

Esse contexto tornou o jornalismo menos humano. Os jornalistas esqueceram que o jornalismo deve ser feito para as pessoas, para o povo. Ijuim (2012), afirma que para se alcançar um jornalismo humanizado, todo o processo jornalístico deve ser repensado, desde a escrita da pauta até a revisão. O jornalismo Humanizado não busca abraçar todas as culturas e realidade, pois isso é impossível, mas trazer para a mídia realidades diversas com as quais o povo possa de fato se identificar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Jornalismo Humanizado:** o ser humano como ponto de partida e de chegada do fazer jornalístico. In: Anais do IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sul–INTERCOM SUL: Guarapuava. 2008.

ARAÚJO SÁ, Antônio Fernandes de. **História e Estudos Culturais:** O Materialismo Cultural de Raymond Williams. Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, v. 5, n. 8, p. 37-44, 30 abr. 2011.

BACCEGA, Maria Aparecida. **A História no campo da Comunicação/Educação.** Comunicação & Educação, [S. l.], n. 10, p. 7-14, 1997.

BARBOSA, Marialva. **Como escrever uma história da imprensa?** In: II ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 15 a 17 de abr. 2004, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFRGS, p. 1-11. 2004.

BARBOSA, Marialva Carlos. **Comunicação e história:** presente e passado em atos narrativos. Comunicação Mídia e Consumo, v. 6, n. 16, p. 11-27, 2010.

BARBOSA, Marialva Carlos. **Cenários de transformação:** Jornalismo e História no século XX. *Revista FAMECOS*, v.19, n.2, 458-480. 2012

BARBOSA, Marialva Carlos; RÉGO, Ana Regina. **Historicidade e Contexto em perspectiva Histórica e Comunicacional.** Revista FAMECOS, v. 24, n. 3, 2017.

BORGES, Rosana Maria Ribeiro; BARBOSA, Marialva Carlos. **Diálogos do “sexo débil”:** significações das cartas de mulheres no jornal *A Matutina Meiapontense* (1830-1834). *Galáxia* (São Paulo), n. 44, p. 173-187, 2020.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula, 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural.** Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, v. 1, p. 12, 1990.

DALMONTE, Edson Fernando. **Estudos culturais em comunicação:** da tradição britânica à contribuição latino-americana. *Idade Mídia*, v. 1, n. 2, p. 67-90. São Paulo, 2002.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette:** mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Estudos Culturais:** uma introdução. O que é, afinal, *Estudos Culturais*, v. 3, p. 133-166, 2000

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Os Estudos Culturais**. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org.). Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

HALL, Stuart. **Codificação/decodificação**. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 387-404, 2003.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e desumanização no jornalismo**: algumas saídas. In: Revista Comunicação Midiática. v.7, n.2, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et. all.]. 4ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990 (Coleção Repertórios).

MONTIPÓ, Criselli. **Crise do jornalismo?** Por uma narrativa jornalística mais propositiva, investigativa e cidadã. In: XXXVII Congresso de Ciências da Comunicação, 2014, Foz do Iguaçu. Anais do XXXVII Congresso de Ciências da Comunicação, 2014.

MOTTA, Márcia Maria Menéndez. **História e memória**. Revista Cadernos do Ceom, v. 16, n. 17, p. 179-200, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no ocidente**. In: Jornalismo, história, teoria e metodologia – perspectivas luso brasileiras, Porto, Universidade Fernando Pessoa. 2008.

SOUZA, Kalyne Menezes; BORGES, Rosana Maria Ribeiro. **Cultura, sociedade e significações**: o pensamento de Raymond Williams no âmbito dos Estudos Culturais. In: Estudos Contemporâneos em Jornalismo (Coletânea 8). Juarez Ferraz de Maia; Rosana Maria Ribeiro Borges; Sálvio Juliano Peixoto (orgs.). 2 ed. E-book. 2ed. Goiânia: Cegraf UFG, 2020, p. 79-97.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para entender as teorias da comunicação**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; TONDATO, Marcia Perencin. **A Tradição dos Estudos Culturais na Perspectiva das Contribuições Latino-americanas**. *Novos Olhares*, 3(2), 150-159. 2014.